

UMA NOITE DUAS VIDAS



Samuel Peixoto

UMA NOTTE DUAS VIDAS

Dedicado àqueles que passaram muitas noites no mato...

Samuel Peixoto

Lisboa, Março de 2010

O ar estava húmido e o calor continuava a fazer-se sentir, o que provocava uma transpiração peganhenta e viscosa.

Àquela hora do dia havia a sensação que todos os habitantes da floresta tinham “encerrado” para a sesta. Nenhum ruído se fazia ouvir. Apenas a longa fila de figuras camufladas se movimentava e fazia um ligeiro ruído provocado pelo roçar do capim seco nas calças.

Do seu lugar na longa fila, o “professor” podia observar tudo o que se passava á sua frente. Podia ver as costas dos companheiros dobradas para a frente, para conseguirem equilibrar o peso dos sacos que transportavam. Todos transpiravam, e a camisa do camuflado agarrava-se às costas como se tivessem sido pinceladas com cola.

Ao longe, e por entre a folhagem das raquílicas árvores, começava a desenharse a silhueta de um monte. Era uma elevação bastante acentuada e onde não havia qualquer tipo de vegetação. Apenas alguns calhaus e nada mais.

O “professor” conhecia aquele monte muito bem. Aliás, todos o conheciam. E conheciam de tal maneira bem que, até o baptizaram com um nome bastante sugestivo: “Monte Filho da Puta”. É verdade. Tal e qual. “Monte Filho da Puta”. Era assim conhecido entre o pessoal daquela Companhia, atendendo ao facto de ser muito difícil de escalar naquela vertente.

Aos poucos, o monte foi crescendo à medida que dele se aproximavam, e alguns minutos depois o “professor” começou a ver os companheiros da frente a iniciarem o tradicional círculo, indicativo de que iriam ter alguns minutos de descanso. Certamente, iam reunir a força necessária para vencer a escalada do “Filho da Puta”.

O “professor” imitou os companheiros e sentou-se primeiramente, para depois se deixar cair de lado, para que o saco não lhe estorvasse os movimentos. O silêncio passou a ser total.

No céu umas nuvens cinzentas corriam rápidas, e uma brisa começou a abanar o capim ressequido e as poucas árvores existentes.

- “Parece-me que vamos ter chuvada...” Pensou o “professor” – “pelo menos que comece a cair quando já estivermos instalados lá em cima...”

A marcha recomeçou pouco depois e os primeiros da fila começaram a atacar a escalada.

Como sempre foi uma subida difícil, mas todos se encontravam acomodados quando as nuvens se foram multiplicando e como que em estranha cumplicidade, começaram a despejar torrentes de água sobre a terra quente e sobre aquele grupo de soldados perdidos algures no Niassa.

O “professor” gostava de sentir o cheiro que emanava da terra assim que a chuva a começava a beijar. Parecia que era uma retribuição pela dádiva do precioso líquido. Era um cheiro algo de misterioso. O cheiro a África!

Iriam passar a noite naquele local certamente. Pelo adiantado do dia e com tanta chuva, estava a escurecer mais rapidamente do que o habitual. Além disso, era um local seguro para se passar aquela noite.

-“Vai ser uma noite do caraças” – pensou o “professor”, ao mesmo tempo que consultava o velho e maltratado relógio. – “Quatro e meia.... Vai se mesmo do caraças.... Vai, vai.

O ritual que se seguiu, era o mesmo de há muito tempo já. Instalar. Abrir o saco. Escolher uma lata de conservas. Mastigar aquela mistela. Ajeitar o capim e esperar que as horas passassem.

O “professor” encontrou um lugar e sentou-se ao lado do furriel Duarte.

A chuva continuava inclemente, mas esse facto já não impressionava ninguém. Já se tinham habituado a viver com a chuva e com o calor. Portanto, mais chuvada menos chuvada, para eles era indiferente.

Como habitual em África, a noite caiu repentina. Apesar do escuro, dava para perceber as silhuetas dos restantes companheiros.

O “professor” olhou para o furriel, ficou um momento a fixar atentamente o graduado, e de repente perguntou:

- Quando acabará isto, furriel?

- Isto o quê?? A chuva?

- A chuva não. Estas malditas andanças, estas operações que nos deixam derreados... sei lá... toda esta vida de merda...

- Temos que ir a Nampula perguntar aos cabeças de oiro que por lá saltitam...

- Ah... pois, mas isso é mais complicado, não é? Não. Não é complicado de todo...

- Como assim, furriel?

- Bom... Primeiro fazemos uma marcha até lá. Já temos preparação para isso. Depois procuramos onde é o Quartel-general. De seguida perguntamos aos gajos, “então como é? Quando nos mandam descansar para a Beira ou LM?”...

Do modo como o furriel Duarte disse aquilo, fez sorrir o “professor” e ripostou:

- Cum catano furriel. Grande ideia!!!

- Atão não é?

- É sim senhor... E depois, metem-nos numa coluna e mandam o nosso “putedo” para o Cabo Delgado... Boa ideia furriel... E isso se ficarem bem dispostos, porque quando não, se estiverem com os “azeites”, metem-nos num barco e recambiam-nos para a Guiné...

- É pá! Isso é que não. Aquela merda por lá é bera. Pior que isto. Tenho lá um primo, e se lesse os aerogramas que me manda...Foda-se!!! Guiné não... – Ripostou o furriel Duarte.

- Bom... Parece-me que o melhor é irmos aguentando com paciência, não é?

- Parece que sim, ó “professor”.

Calaram-se durante alguns minutos. O “professor” sorriu ao pensar naquela ideia da excursão a Nampula, -“Até era engraçado... o pessoal aparecer lá e exigir a mudança.... Estou mesmo a ver aqueles caralhos de fardas limpinhas, cheias de metal amarelo, a olharem para estes marmanjos com as fardas em farrapos.... Sim senhores. Boa ideia.”

- Ó furriel! O que vai fazer quando acabar a comissão? – perguntou de súbito o rapaz olhando para o companheiro.

Duarte olhou também para o soldado, torceu o nariz e encolheu os ombros.

- É pá, sei lá ?! É difícil pensar nisso....

- É difícil, mas alguma coisa já deve ter pensado, cum catano....

- Bom, a verdade é que já tenho pensado, mas, primeiro temos que acabar isto.

- É lógico furriel.... Temos que acabar isto, mas “isto” não vai durar eternamente....

- Depois se vê, caro amigo.

O “professor” abanou a cabeça como que reprovando a ideia do furriel.

- Ná! Não acredito que não tenha pensado em nada. Um gajo como o furriel já deve saber o que vai fazer. Tem estudos... está garantido!

- Será?

- Atão não é? Eu é que me vou tramar. Vou voltar para a aldeia e... olhe eu é que não sei. Só sei que ainda devo ter à minha espera a minha enxada....

- Não tens estudos?!? – Então como és “professor”???

O rapaz largou uma gargalhada que ecoou por todo o improvisado acampamento.

- Essa foi boa, furriel.... Gostei. A sério que gostei. A malta do nosso grupo é que me chama professor porque estou sempre a cagar sentenças e a dar conselhos, mas a verdade é que não os consigo dar a mim mesmo.

Agora foi a vez do Duarte sorrir com vontade e retorquir:

- Então és um professor... sem escola, não é?

- Não. Lá escola tenho eu. E muita. Pergunte aos outros a escola que eu tenho....

- Então não vais ter dificuldade em arranjar emprego.

- Não sei. Não sei mesmo. Será que podemos fumar, furriel?

- Com os devidos cuidados. Mete o quico à frente quando deres uma fumaça.

Não quero ser atingido por engano....

O “professor” procurou no bolso o maço dos cigarros, mas teve uma desilusão. Com a chuva, os cigarros ficaram ensopados. Com desprezo atirou aquela massa de tabaco e papel para longe.

- Não vou fumar desta vez! D’asse! Porra de chuva!

Novo silêncio. Depois a voz do Duarte fez-se ouvir novamente.

- Mas óh “professor”, afinal o que fazias antes da tropa?

- O que fazia antes da tropa? – Fez uma pausa, respirou fundo e começou a responder.

- Olhe furriel, sabe o que fazia? Andava um dia inteiro a cavar terra ao lado do meu pai. E ainda ao principio, ao lado do meu avô. Bem, o dia todo, se não chovesse. É pá! Eu queria era a chuva! Se chovesse, não havia enxada para ninguém. Íamos até á taberna lá do largo da aldeia, conversar... jogar umas partidas de dominó e ver as raparigas quando iam buscar água à fonte.

- Não havia água na tua aldeia?

- Haver havia. Nas fontes, é claro!!! Água canalizada como nas cidades? Isso é luxo... nem na vila mais próxima, quanto mais numa aldeia perdida lá naqueles montes....

- Deve ser complicado...

- Ná! Já estamos habituados desde putos.

- Pois sim, mas ter que acartar com água para casa todos os dias...

- Na maior parte das vezes são as raparigas e as mulheres que vão.

- Porquê?!

- Ora, porque nós íamos trabalhar para os campos, e aí a conversa é outra.

- Estou a ver.... Vida dura mesmo.
- É dura, mas tinha algumas vantagens. Ao fim da tarde íamos espiar as moças que iam à fonte e tentar catrapiscar alguma...

- E tu, já tinhas catrapiscado alguma? Quero dizer, deixaste namorada lá na aldeia?

O rapaz não respondeu logo. Voltou a meter a mão no bolso onde trazia o tabaco, mas lembrou-se que se tinham estragado todos os cigarros e arrependeu-se.

O furriel voltou à pergunta:

- Afinal, tens lá namorada ou não?

- Deixei... quer dizer penso que sim.

- É pá! Não pareces muito seguro. Tens ou não?

- Bom... vou ver se consigo explicar. Isto é muito confuso. Um gajo mete-se em alhadas e depois lixa-se. Eu namoro com a Célia. É assim o nome dela, mas há tempos deu-me na tola e pedi namoro à Anabela...

- Pedis-te namoro à Anabela como?

- Ora, como havia de ser.... Escrevi-lhe um bate-estradas e com as minhas tretas, tal e tal, pedi-lhe namoro.

-E a Anabela o que te respondeu?

- Nada. Quem me respondeu foi a Célia.

- Estou a ver, as duas conhecem-se e a Célia e a outra engalfinharam-se por tua causa...

- Nada disso. São amigas, e quem se tramou fui eu. A Célia mandou-me à fava e a Anabela nem me deu troco, quer dizer, nem se dignou mandar-me à merda. Sabe furriel, o que é mais chato é que eu gosto mesmo da Célia... catano. Só queria que visse aqueles olhos azuis e cabelito loiro. Até parecia estrangeira. E um corpito muito bem feito. A primeira vez que lhe falei de namoro ficou corada como um tomate.... Estou mesmo a ver a cara dela. Uns dias depois, durante um baile lá na vila, ela disse que sim e ficámos namorados. Até os pais dela e os irmãos gostavam de mim. Agora depois disto, nem quero pensar....

Duarte não conseguiu evitar uma risada, e perante o espanto do rapaz foi dizendo:

- Então tu nunca ouviste dizer que vale mais um pássaro na mão que dois a voar? Bom, neste caso seria uma passara... eh! eh!eh!.

- Isso é verdade. Às vezes passam coisas na minha cabeça que não lembram ao diabo. Estou sempre a dar conselhos disto e daquilo e depois só faço merda.

Duarte ajeitou o impermeável que começava a deixar passar água, resmungou contra aquela chuva e atirou novamente ao companheiro:

- Não te preocupes com isso ó “professor”. Quando lá chegares, fazes as pazes com as duas. Olha... vais com elas para a cama....

- D’asse furriel! Você não sabe que terra é aquela! Porra! Para um gajo lhes arrancar um simples beijo, nem imagina como é.... Quanto mais ir para a cama. Isso só na noite do casamento. São mais casmurras que os calhaus lá da serra.

- Bom, não me digas que nunca...

- Nunca o quê? Nunca lhe meti as mãos em cima?

- Sim.... Quer dizer, mais ou menos isso.

- Bom... vontade não faltava, mas...
- Lá estás tu com merdas de “mas” e mais “mas” ... Afinal como é que vocês, tu, namoravam?

- Quando elas vão à fonte o pessoal vai falando, e também aos domingos. As mães não lhes dão muita rédea. É tudo feito à vista delas, mesmo nos bailaricos, elas lá estão a ver tudo.... Chiça! Mas são umas valentes mulheres, temos que concordar. São elas que cuidam dos filhos e da casa e ajudam nos campos quando é preciso. Algumas ficam viúvas com uma cambada de filhos e conseguem orientar a vida.... Boas mães. Isso é que é verdade, furriel. Vocês criados nas grandes cidades, habituados a meninas finas, não sabem o que custa a vida naquelas serranias.

Novo silêncio. Durante alguns momentos Duarte olhou à sua volta, enquanto assimilava as palavras do companheiro de guerra. Notou que a chuva tinha parado. Tão rápido como aparecera, assim tinha deixado de cair. Através da pouca claridade, conseguia ver o vulto dos companheiros que iam tirando os impermeáveis ensopados. Olhou para o relógio e os ponteiros luminosos deixavam ver as horas. Seis e meia. Resmungou:

- Porra!

- Que se passa furriel?

- Nada. É que ainda são só seis e meia. Temos uma longa noite pela frente.

- O que vale é que deixou de chover. Estas merdas de impermeáveis já devem vir aldrabados. Não seguram água alguma. Já devem ter feito mais comissões, do que uma puta abre as pernas....

- Boa. Gostei. Queres maior foda do que esta vida, “professor”?

- Tem razão. Furriel, você que é um gajo instruído, diga-me uma coisa. O que andamos nós aqui a fazer? Que merda de guerra filha da puta é esta? Vá. Diga-me lá.

Duarte coçou a cabeça, franziu a testa e sorriu.

- Tens razão. Sei lá! Quero dizer, isto tudo é muito complicado. Os gajos de Lisboa que estão nas cadeiras do Governo, dizem que isto é nosso. Os gajos de cá que estão em Dar-es-Salam dizem que “isto” é deles, e....

- Estão onde? Onde é que isso fica? Dar quê???

- Dar-es-Salam... é a capital da Tanzânia, um país aqui ao lado e que ajuda estes gajos. Deixam-nos à vontade para virem atacar a nossa tropa. Pensas que os gajos que mandam andam por estas matas? Não!

- Quer dizer. Tanto uns como outros estão em lugares seguros, e nós de um lado, e esses outros pé descalços no outro, não é?

- Exactamente “professor”. É por isso que tu, eu, essa malta que está à nossa volta a tentar dormir, e outros milhares de militares, andamos nesta vida.

O “professor” acenou com a cabeça em sinal de compreensão e depois de alguns momentos em silêncio, continuou.

- Bom, furriel. Diga-me lá outra coisa. Será que estes gajos não terão alguma razão para quererem esta terra?

- Sabes uma coisa? Esta merda de política não é para nós. É mesmo muito complicado. Nós somos os peões. Arriscamos o coiro aqui nas matas. Eles decidem nos grandes salões. E mais grave. Se nós dissermos o que nos vai na alma e que não seja o que eles querem ouvir, arriscamo-nos a ir para a “choça”. Ou pior ainda.

- Isso eu compreendo... e muito bem.

- Como assim?

- Sabe, Duarte, lá na minha aldeia havia um fulano que além de contrabandista, diziam que ajudava uns gajos a fugir para Espanha e depois para outros países.

- Não me digas! E isso é verdade? Ajudava mesmo?

- Acho que sim, e acredito.

- E ele? Confirma essa coisa?

- Agora já não pode confirmar nada. Só o S. Pedro é que poderá saber.

- Teve algum acidente na serra?

- Olhe furriel. Só sei que certa noite apareceram na aldeia duas carrinhas com uns gajos e levaram-no. Isso eu vi, porque a casa dele era perto da minha. Disseram à mulher que ia ser interrogado em Coimbra e voltariam a trazê-lo no dia seguinte.

- E voltou?

- Voltou cinco ou seis dias depois, dentro de quatro tábuas.

- E o que disseram os gajos?

- Nada.

- Nada? Não disseram a causa da morte? O gajo era saudável?

- Tinha uma saúde de touro. Não havia ninguém que lhe passasse a perna....

- O furriel sabe porque morreu ele?

- Eu??... Sei lá?!

- Pois é. Também nós não sabemos. Nem deixaram abrir o caixote aqueles filhos da puta. C'um catano!

Novo silêncio. O "professor" coçou a cabeça, mudou ligeiramente de posição e respirou fundo. Notava-se que a raiva o tinha invadido.

- Coisas do caraças.... – Disse o furriel ao fim de alguns minutos de silêncio.

- Eu diria coisas da polícia. Os gajos que o levaram eram daqueles tais da pide. Foi o que depois ficámos a saber.

- O homem ajudava o pessoal a dar o salto, uns para fugir a esta merda, outros por outras razões e alguém o tramou. Isso é que foi.

- É verdade, pois foi. Era um gajo do caneco. Bom homem. E tinha duas filhas lindas. Mesmo bonitas, c'um caraças!

- Disso tu percebias, meu sacana....

- Claro furriel. Foi uma merda do caraças. Uma família destruída. É por isso que quando lá chegar quero ir para o estrangeiro, mas com tudo legal. Ná! Não quero arriscar o coirão por aquelas serras e caminhos de cabras. Bom, isto se sair daqui com vida, é claro! Para aventuras, já me vão chegar as que estamos a passar aqui. Não viu ontem aquele tiroteio? Safámo-nos não foi? E da próxima vez? Teremos assim tanta sorte?

- Mas ó "professor", diz-me lá. Para onde queres ir afinal?

- Sei lá! França, Alemanha... tanto me faz. Qualquer merda, onde possa ter melhor vida do que em Portugal.

Novo silêncio. A alguns metros dali alguém ressonava.

- D'asse! Há gajos que conseguem dormir e roncar como se estivessem na sua caminha – comentou o "professor".

- O pessoal anda cansado, e este local é bom. Aqui não nos chateiam.

- Mas... já agora ó Duarte diga-me uma coisa. Como tem sido a sua vida? Só temos estado a falar de mim. E você? Deixou namorada lá na sua cidade? O que vai fazer depois desta merda acabar?

Duarte olhou primeiro para o companheiro. Depois coçou a barba de dez dias. Olhou para o alto onde agora as estrelas brilhavam. Voltou a coçar a barba.

- Boa pergunta, “professor”. Nós não podemos adivinhar o futuro não é? Ninguém vai saber o que poderemos fazer ou desfazer. Sei lá.

- Ó Duarte. Deixe-me vestir a pele de professor a sério, tal como aqueles caralhos me chamam e dizer que se pensarmos dessa maneira, nunca vamos sair de casa. Poderemos ser atropelados.... Bater com o focinho no chão.... Sei lá! Tanta merda nos pode acontecer e por isso vamos ficar sempre em casa? Eu acho que não. Não será assim?

Após ter ouvido aquelas palavras, o pensamento de Duarte voou para longe dali e voltou à sua cidade. Voltou a estar no Liceu. Voltou a ver-se a fazer umas gazetas às aulas, para se ir encontrar com uma namoradita que estudava no Liceu Feminino. Voltou a lembrar-se do primeiro beijo que trocaram. Relembrou como gostava de acariciar os cabelos castanhos e compridos da namorada. Uns cabelos à Françoise Hardy, como ele gostava de lhe dizer. Reviu aqueles bailes particulares em casa de algum colega, onde num velho gira-discos iam passando as notas musicais dos Beatles, dos Rolling Stones, dos portugueses Sheiks e dos românticos Aznavour e Adamo. Reviu também a excitação que sentiam, quando nos dias 1 de Maio iam observar a Polícia de Choque, com os cães e canhões-de-água que dispersavam as manifestações do pessoal da Carris, e por causa disso, dos banhos que também levavam e algumas cacetadas que a Policia distribuía sem pedir licença. Também o furriel Duarte revia o momento doloroso da morte da namoradita, da sua Inês, vítima de acidente juntamente com o pai.

Tudo isto, naquele momento, Duarte passou diante dos seus olhos. Regressou à realidade, quando ouviu novamente a voz do “professor”.

- Desculpe, ó furriel. Você quer dormir... e eu sou uma chaga do caraças. Não quer falar... não insisto.

- Não. Não é isso. Não tenho sono. Estava apenas a pensar como tu tens razão.

- Tem alguém em especial à sua espera?

- Não propriamente. Apenas familiares e amigos.

- Nada de namorada?

- Agora não.

- Ah! Então já teve. Zangaram-se? Bom, ó Duarte, lá volto eu à cepa torta e a ser chato.

- Não és nada chato. A verdade é que tive uma namorada e duas grandes paixões....

- Duas??? E dizia há pouco para eu ter juízo quando pedi namoro à outra.... Sim senhores....

- Bom, não é assim. Tive uma namorada, a Inês de quem gostava muito, muito mesmo, mas infelizmente teve um acidente e morreu juntamente com o pai.

- D’asse! Azar do catano, furriel. E a outra grande paixão? Foi antes ou depois da Inês?

- Ah! Essa foi a minha grande e ardente paixão, ó “professor”!

- Ó furriel! Isso é bonito mesmo. Grande e ardente paixão. Parece mesmo um escritor... Desculpe lá esta piada. E essa ardente paixão, como se chamava?

Duarte hesitou um momento e depois disse:

- Rapariga de Azul.

- O quê?... Rapa..... Isso era mesmo nome?

- Não. Não sabia o nome dela. É evidente que esse não era o nome dela.

- Mas não a conhecia? Como é que tinha essa grande e ardente paixão por alguém de quem nem o nome sabia.... Está a brincar comigo. Vamos mas é dormir.

- Não “professor”, não estou a gozar contigo. Vou explicar-te, mas depois não rias de mim. Certo? Bom, naquele tempo eu tinha aí uns dezasseis ou dezassete anos e vi-a a primeira vez na missa.

- Na missa?

- Sim. Eu ficava sempre no mesmo lugar, e certo domingo quando olhei para o lado, vi-a. Uma cara angelical. Um corpinho fininho como uma enguia. Uns olhos negros como a noite mais escura. Uns lábios cor de morango e uns cabelos claros que me fizeram estremecer. Assim que a missa acabou fui atrás dela, mas tinha desaparecido. Andei às voltas, corri as ruas mais próximas da Igreja, mas nada. Não a consegui encontrar. No domingo seguinte a mesma coisa. Ela aparecia já a missa tinha começado e desaparecia como que por magia. Não encontrava explicação. Cheguei a pensar se estaria no meu juízo perfeito. Ao fim do terceiro domingo, não fui à missa. Fiquei de atalaia num local de onde podia ver quem enteva e saía. E, finalmente, dei com ela. Afinal, não tinha sonhado nem andava a ficar mal do juízo. Lá estava ela. Aí mesmo à minha frente. Podia sentir-lhe o perfume, e quando a missa acabou, fui atrás dela. Ela ia com mais raparigas e segui-a até desaparecer numa porta. Andei doido com aquela rapariga. Sentia fogo dentro de mim só de pensar nela. Ansiava pelo domingo só para a ver. Naquele tempo eu sabia lá o que era amor. Hoje tenho a certeza que tudo aquilo que sentia arder dentro de mim era o que se chama de amor.

- Ó furriel! Catano! Que beleza essa paixão... sim senhor... e depois desse tempo todo consegui alguma coisa? Quero dizer, pediu-lhe namoro?

- Beleza de paixão, dizes tu. Durou pouco tempo essa paixão. Foi também a minha primeira desilusão...

- Então....

- Mais tarde descobri que ela namorava com um dos meus melhores amigos.

- Chi patrão! Grande barraca na verdade. Mas porque é que lhe chamava Rapariga de Azul?

- Porque, sempre que a via, ela vestia um bonito vestido azul e um lencinho a condizer. Mais tarde, soube que o nome dela era Josefina.

- Pois, essa foi a parte menos bela de tal paixão.

- Já passou. Era muito novo, mas que foi uma grande paixão, lá isso foi. Agora não me preocupo com isso. Para já, tu é que estás feito quando chegares à aldeia e tiveres as duas à tua espera. Isso, eu queria ver. Depois escreves-me a contar....

O “professor” desatou a rir, enquanto com a cabeça acenava que sim, concordando com o furriel.

Nesse momento a chuva recomeçou a cair com intensidade.

- Pronto. Lá vem ela novamente. Já cá faltava. E a merda do impermeável ainda está ensopado – lamentou o “professor”, enquanto se levantava para melhor aconchegar a capa à volta do corpo.

- Vamos mas é dormir. Amanhã será menos um dia para isto terminar. Vamos ter que palmilhar mais umas horas longas. Dorme bem, pinga amor....

- Vou sonhar com as paixões que nos atormentam.... Durma bem furriel. Boa noite.

Esta conversa nunca aconteceu... mas poderia ter acontecido.